

Introdução: A escassez de insumos tem sido uma grande limitação para o avanço da vacinação. O objetivo deste estudo foi avaliar a efetividade, imunogenicidade e segurança da meia dose da ChAdOx1 nCoV-19.

Métodos: Ensaio clínico controlado não randomizado de fase III com grupos de comparação interna e externa (profissionais de saúde vacinados com dose plena). Moradores de Viana-ES, 18-49 anos, receberam duas meias doses da ChAdOx1 nCoV-19, com intervalo de 8 semanas. Foram estudados a incidência novos casos, número de mortes, internações e admissões em UTI, anticorpos neutralizantes por teste de neutralização em placa (PRNT) e quimioluminescência contra a porção RBD da fração S1 da proteína Spike, anticorpos totais IgG específico para SARS-Cov2, fatores solúveis sistêmicos, imunidade celular por estimulação antígeno-específica de células mononucleares do sangue periférico in vitro e investigação de Linfócitos T e B de memória e de citocinas intracitoplasmáticas. Eventos adversos foram monitorizados por diário, registro em plataforma digital, busca ativa por telefone, notificações no E-SUS notifica. Tempos de coleta: antes, 28 dias após 1ª.(D1) e 2ª. (D2) doses, e seguimento 3,6,12 meses pós D2. Resultados: Dos 27.000 elegíveis, 20.546 indivíduos receberam duas meias doses. Desses, 572 coletaram amostras biológicas. Após D2, a taxa de soroconversão entre soronegativos no baseline (n = 239) foi 99,8% semelhante à dose plena (DP) (n = 104, 100%). A média geométrica dos títulos de anticorpos (IC95%; UA/dL) foi 1.324 (1.148-1.527) com a MD e 3.727 (2.975-4.668) com DP (p < 0,001). No subgrupo com infecção natural prévia, os títulos foram semelhantes à dose padrão, mas houve queda dos títulos após D2 comparado com D1 nos dois grupos (MD = 9.569 (8.768-10.443) vs. 5.742 (3.195-6.347)), (DP = 9.533 (7.377-12.319) vs. 4.915 (3.767-6.412)). A frequência de eventos adversos foi semelhante, mas a duração dos sintomas foi menor no grupo MD. Não ocorreram eventos adversos graves. Taxas de casos confirmados após imunização completa foi semelhante à dose plena (20/248.830 vs. 28/419.248 casos/pessoas dia).

Conclusão: Meia dose da ChAdOx1 nCoV-19 é segura, imunogênica e capaz de induzir anticorpos neutralizantes em 99,8%. Em pessoas que tiveram infecção natural, uma meia dose foi semelhante a dose plena, e suficiente para induzir altos títulos de anticorpos. Resultados de imunidade celular e efetividade estão sendo analisados.

Apoio: ICEPi/SESA, MS, PNI, OPAS, HUCAM, UFES, EBSERH.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101711>

AO 9

PREVALÊNCIA DE ANTICORPOS IGG ANTI-SARS-COV-2 EM POPULAÇÕES INDÍGENAS DO ESTADO DO PARÁ

Carlos Neandro Cordeiro Lima ^a,
Isabella Nogueira Abreu ^a,
Leonardo Gabriel C.P. de Figueiredo ^a,
Felipe Teixeira Lopes ^a,
Maria Karoliny da Silva Torres ^a,
Aline Cecy Rocha Lima ^a,
Keise Adrielle Santos Pereira ^a,

Bernardo Cintra dos Santos ^a,
Wandrey Roberto dos Santos Brito ^a,
Eliene Rodrigues Putira Sacuena ^b,
Vanessa de Oliveira Freitas ^a,
João Farias Guerreiro ^b,
Izaura Maria Vieira Cayres Vallinoto ^a,
Antonio Carlos R. Vallinoto ^a

^a Laboratório de Virologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

^b Laboratório de Genética Humana e Médica, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Introdução/Objetivo: A pandemia ocasionada pelo SARS-CoV-2, agente causal da COVID-19, desencadeou uma série de consequências de saúde global, chamando a atenção das organizações de saúde principalmente para o impacto nas populações mais vulneráveis. Com a chegada do novo coronavírus na Amazônia, os povos indígenas do estado do Pará foram os grupos populacionais que mais necessitaram uma atenção específica, pois são mais vulneráveis do ponto de vista social, econômico e biológico. O objetivo deste trabalho foi investigar a prevalência de anticorpos IgG anti-SARS-CoV-2 (S1 e S2), em populações indígenas do Estado do Pará.

Métodos: Foram analisados um total de 532 indígenas das etnias Kayapó (401), Tembé (56), e Amanayé (75), sendo 235 homens (44.17%), 273 mulheres (51.32%) e 24 (4.51%) sem informação de gênero, com idade média de 30 anos. Amostra de sangue (5 mL) foi obtida de cada indivíduo e o plasma foi submetido a pesquisa de anticorpo IgG anti-SARS-CoV-2 utilizando-se o imunoenzimático ELISA (Euroimmun, USA).

Resultados: 433 indivíduos foram reagentes (81.39%), 75 não reagentes (14.10%) e 24 indeterminados (4.51%). A prevalência por etnia foi de: 87.78% nos Kayapó, 51.79% nos Tembé e 69.33% nos Amanayé. A prevalência entre os sexos foi de 35.53% nos homens e 42.11% nas mulheres.

Conclusão: Os resultados indicam, que as etnias Tembé, Amanayé e Kayapó tem alta prevalência de anticorpos IgG anti-SARS-CoV-2 que podem ser decorrentes de infecção natural ou fruto da campanha de imunização. Esses resultados reforçam a necessidade da manutenção da vigilância imunológica dessas populações como forma de prevenção de novas ondas epidêmicas de COVID-19 nas aldeias.

Financiamento: CNPQ/MS/MCTI-401235/2020-3.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101712>

AO 10

REATIVIDADE VAGINAL E DURAÇÃO DE RESPOSTA IMUNE DA CORONAVAC E ASTRAZENECA EM UMA COORTE DE TRABALHADORES

Maria da Penha Gomes Gouveia ^a,
Isac Ribeiro Moula ^a, Thayná Martins Gouveia ^a,
Beatriz Paoli Thompson ^a,
Karen Evelin Monlevade Lança ^a,

Gabriela Curto Cristianes Lacerda ^a,
 João Pedro Gonçalves Lenzi ^a,
 Sabrina de Souza Ramos ^a,
 Barbara Sthefany de Paula Lacerda ^a,
 Ludimila Forechi ^a, Olindo Assis Martins Filho ^b,
 Andréa Teixeira de Carvalho ^b,
 Luiz Antonio Bastos Camacho ^c,
 Daniel Antunes Maciel Villela ^d,
 Lauro Pinto Neto ^e, Filipe Faé ^a,
 Anna Carolina Simões Moulin ^a,
 Arthur Prando de Barros ^a,
 Bárbara Oliveira Souza ^a, Heitor Filipe Surlo ^a,
 Gabriel Smith Sobral Vieira ^a,
 Marina Deorce de Lima ^a, Laís Pizzol Pasti ^a,
 Luiza Lorenzoni Grillo ^a,
 Laura Gonçalves Rodrigues Aguiar ^a,
 Paula Athayde ^a, Pietra Zava Lorencini ^a,
 Hellen Carvalho Ribeiro ^a,
 Cinthia Eduarda Santos Soares ^a,
 Mariana Macabú ^a, Laíssa Fiorotti Albertino ^a,
 João Pedro Moraes Miossi ^a,
 Matheus Leite Rassele ^a,
 Felipe de Castro Pimentel ^a,
 Allan Gonçalves Henriques ^a,
 Maria Eduarda Moraes Hibner Amaral ^a,
 Ketty Lysie Libardi Lira Machado ^a,
 José Geraldo Mill ^a, Valéria Valim ^a

^a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES),
 Vitória, ES, Brasil

^b Instituto René Rachou (IRR), Fundação Oswaldo
 Cruz (Fiocruz-Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil

^c Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
 (ENSP), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de
 Janeiro, RJ, Brasil

^d Programa de Computação Científica (PROCC),
 Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro,
 RJ, Brasil

^e Escola Superior de Ciências da Santa Casa de
 Misericórdia de Vitória (EMESCAM), Vitória, ES,
 Brasil

Introdução: A pandemia de COVID-19 iniciou a corrida do desenvolvimento de vacinas globalmente. Os trabalhadores da saúde foram o primeiro grupo a receber imunizantes, e no Brasil os mais utilizados foram CoronaVac e AstraZeneca. O presente estudo teve como objetivo avaliar a imunogenicidade e a duração da resposta às vacinas Coronavac e Astrazeneca.

Métodos: Este estudo de coorte foi realizado no Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo (HUCAM-UFES/EBSERH). No total, 476 trabalhadores da saúde foram recrutados, 261 e 215 foram completamente imunizados com duas doses da vacina CoronaVac (VAC) e AstraZeneca (AZV), respectivamente. Dentre os que receberam o esquema vacinal VAC, a média de idade foi 43 anos. Dentre os que receberam o esquema vacinal AZV, a média de idade foi 44 anos. Os participantes foram acompanhados por meio de coletas de sangue para dosagem dos níveis de anticorpos IgG e IgG anti-spike (IgG-S), no dia da primeira dose (D0), 28 dias

após a primeira dose (D28), 28 dias após a segunda dose (D28*) e 180 dias após a primeira dose (D180).

Resultados: Antes da vacinação, 17,5% foram reagentes ao IgG e 42,8% ao IgG-S no grupo VAC (n = 257) e 13,2% para IgG e 29,7% IgG-S foram reativos no AZV. Em ambos os grupos, os níveis de anticorpos foram crescentes com pico 28 dias após a segunda dose com taxa de soroconversão de 100% e queda dos títulos após 180 dias. Após 180 dias, 92,9% se mantiveram reativos no grupo VAC e 100% no AZV no seguimento de 6 meses. No grupo VAC o pico de IgG total foi de 2,17mEq/dL e IgG-S de 1700 AU/mL. Em relação ao grupo de AstraZeneca o pico foi 5617, ± 6101,8 AU/mL.

Conclusão: A reatividade humoral induzida pelas vacinas AstraZeneca e CoronaVac foi alta, com taxa de soroconversão de 100% com os dois imunizantes após a segunda dose. A CoronaVac induziu menores títulos de IgG-S, bem como redução de reatividade após 6 meses. Embora não esteja bem estabelecido correlatos de proteção, os títulos mais baixos e queda mais rápida dos níveis de anticorpos específicos, indica necessidade de reforço ou terceira dose.

Apoio e financiamento: HUCAM-UFES, EBSERH, ICEPi/ SESA.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101713>

ÁREA: EDUCAÇÃO MÉDICA EM INFECTOLOGIA

AO 11

DESAFIOS PARA ADAPTAR O CURSO DE INFECTOLOGIA PARA ALUNOS DE MEDICINA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA BEM SUCEDIDA

Michel Laks, Carlos Roberto Veiga Kiffer,
 Eduardo Alexandrino Servolo Medeiros

Disciplina de Infectologia, Departamento de
 Medicina, Escola Paulista de Medicina (EPM),
 Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São
 Paulo, SP, Brasil

A partir do início de 2020, com a pandemia de COVID-19, os processos educacionais foram suprimidos no Brasil, com posterior retorno parcial e gradual às atividades. Os cursos médicos necessitaram de adaptações, como legislações de preparo para situação de emergência em saúde pública, como permitir a antecipação da conclusão do curso e a atuação de alunos na pandemia; e substituir disciplinas presenciais por aulas a distância utilizando-se tecnologias de informação e comunicação. Sociedades médicas emitiram recomendações de reorganização do calendário escolar e individualização das propostas pedagógicas de acordo com a realidade discente, docente e da instituição. Esta comunicação apresenta a experiência em um curso de infectologia para alunos do terceiro e sexto-anos de uma escola médica de universidade pública, federal. A coordenação do curso de infectologia seguiu as diretrizes da universidade para modificações de currículo, com destaque para flexibilidade curricular (2020 e 2021 trabalhados como um só bloco de conteúdo curricular),